



POR UMA ESPIRITUALIDADE DO CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A CONTRIBUIÇÃO DA REFLEXÃO TEOLÓGICA DE LEONARDO BOFF FRENTE AO COVID-19¹

FOR A SPIRITUALITY OF CARE IN PANDEMIC TIMES: THE CONTRIBUTION OF LEONARDO BOFF'S THEOLOGICAL REFLECTION IN FRONT OF COVID-19

Sirlei Anacleto Martins*
Luiza Elena de Almeida**
Ana Karyne Furley***
José Raimundo Rodrigues****

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a espiritualidade do cuidado neste tempo de pandemia, no qual a população mundial teve que aprender e desenvolver novos modos de ser seja no âmbito familiar e/ou no âmbito de espaço com amplitude de usabilidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica na qual para melhor compreendermos a espiritualidade, tomamos por base as ideias do teólogo Leonardo Boff, que salienta para uma nova forma de convivência do ser humano, primando para a harmonia principalmente no cuidado com o outro e com a terra, trazendo uma visão ética e instituindo essa nova forma de convivência. Assim, há de se pensar, o cuidado em tempos de pandemia e buscar visionar a pós-pandemia para compreender como a espiritualidade contribui no sentido de tornar os seres humanos realmente mais “humanos” nestes novos tempos que se despontam, almejando comportamentos e modos de ser junto ao outro que caminham para constituição de uma sociedade que atendam o clamor do coração e não a individualidade.

Palavras-chave: Espiritualidade, Fraternidade, Cuidado, Pandemia.

Abstract: The present work proposes a reflection on the spirituality of care in this time of pandemic, in which the world population had to learn and develop new ways of being, whether in the family context and/or in the scope of space with wide usability. This is a bibliographic qualitative research in which to better understand spirituality, we base the ideas of the theologian Leonardo Boff, who stresses for a new way of coexistence of the human being, aiming for harmony mainly in caring for the other and the earth, bringing an ethical vision and instituting this new form of coexistence. Thus, one has to think, the care in times of pandemic and seek to envision the post-pandemic to understand how spirituality contributes to make mankind really more "human" in these new times that are emerging, craving behaviors and ways of being together with others that seek the constitution of a society that meet the cry of the heart rather than individuality.

Keywords: Spirituality, Fraternity, Care, Pandemic.

¹ Enviado em: 25.08.2021. Aceito em: 12.12.2022.

* E-mail: anderson_sfarias@hotmail.com

** E-mail: lecalmeida@gmail.com

*** E-mail: anakaryneloureiro@gmail.com

**** E-mail: educandor@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi motivado pelo momento ímpar vivenciado por toda a população mundial que, devido às mudanças advindas da pandemia, anoteceu como um encerrar de ciclo vivente de forma natural e acordou obrigatoriamente com o distanciamento social, dentre outras ações sanitárias. É oportuno, considerarmos o momento atual como de extrema tensão e fragilidade do ser humano devido às exigências de uma série de mudanças, demandando novas práticas, levando esse ser humano a reinventar seu cotidiano na luta pela sua sobrevivência. Percebe-se a insegurança no sentido de ser vulnerável a um vírus, fazendo com que cada pessoa experimente o fazer parte de uma humanidade fragilizada. Essa percepção da fragilidade humana parece ter impulsionado uma busca por segurança em algo para além do palpável, visando minimizar suas dores. Diante da realidade da proximidade com a morte - o risco real de se contrair o vírus e falecer, e também diante da perda de entes queridos, amigos e familiares - deseja-se um apoio para continuar a vida ou a sobrevivência nesta vida.

O fato de se ter uma pandemia que mata milhares de pessoas por todo o mundo faz com que na sua individualidade, cada pessoa se assuma como ser mortal. Há nisso sem dúvida, um sentimento também de pertença à condição humana, reconhecendo-a, mais que nunca como perecedoura, limitada, frágil. A condição carnal se explicita, pois como esse lugar em que nem a ciência nem a tecnologia conseguiram frear o avanço de um vírus. Essa percepção de que a pandemia coloca em xeque as pretensões humanas de plena segurança em seu saber lançam o indivíduo na procura de outras respostas. Respostas que não se limitam às questões do saber humano, mas que na sua integralidade auxiliem a compreender-se como parte desse mundo em rápida transformação desencadeada por uma pandemia.

Assim sendo, diante da dor, do sofrimento e das adaptações vividas e sentidas pelo ser humano, percebe-se a necessidade em estabelecer novas relações consigo, com o outro e com o meio. Nesse contexto, a espiritualidade como dimensão constitutiva do ser humano, poderá ser desenvolvida por meio dos valores do coração, como: a solidariedade, o amor e o cuidado, visando o fortalecimento das estruturas humanas, como uma tenacidade para realização de sentidos. Inúmeras foram as manifestações de busca por espiritualidade: orações, transmissões pelas mídias sociais, meditações, reflexões, tentativas de explicação religiosa da pandemia etc.

Conduzimos esta reflexão a partir do paradigma interpretativo ou da complexidade em que a realidade é acolhida por meio de uma articulação entre diversos modos de pensar, considerando a complexidade, instabilidades e intersubjetividade. Tanto Moreira e Caleffe (2008) quanto Behrens e Oliari (2006) consideram que o novo paradigma tem como interesse não mais um objeto frio e distanciado, mas sim o significado humano da vida social e suas possíveis elucidações. O humano retorna então como o foco principal de toda pesquisa. Enquanto pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, este artigo procura, a partir das obras do teólogo Leonardo Boff, sistematizar implicações de sua concepção de espiritualidade para o contexto de pandemia. Considera-se assim que o arcabouço teológico de Boff pode contribuir para uma reflexão sobre a espiritualidade desde uma fundamentação sólida e abrangente, condizente com o momento complexo vivido.

Como a obra de Leonardo Boff é bastante extensa, versando sobre temáticas teológicas várias, desde questões de cristologia, sua base inicial, até de escatologia e ecoteologia, tomou-se como referência os livros que o autor, especificamente, designa como produções que tratam da espiritualidade na sua interrelação com a natureza. Este critério de seleção parte do próprio escopo de compreensão de espiritualidade proposta por Boff. Sendo assim, procura-se neste texto articular a realidade da pandemia e a espiritualidade na concepção de Leonardo Boff.

UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA PARA UM HUMANO COMPLEXO

Leonardo Boff elaborou uma trajetória teológica profunda, com bases sólidas na tradição católica, e, ao mesmo tempo, procurando tornar atual a verdade do evangelho, recuperando sua radicalidade. Seu engajamento na Teologia da Libertação evidenciou sua colaboração para uma leitura dos textos cristãos desde uma perspectiva latino-americana. Sua produção posterior faz um giro para as questões planetárias e, aparentemente, sugere certo distanciamento de uma teologia sistemática católica. É neste contexto que podemos compreender a concepção de Boff acerca da espiritualidade.

As bases da espiritualidade em Boff

Embora se trate de uma produção original, a espiritualidade proposta por Boff dialoga com o passado e o presente, de modo particular com as compreensões de espiritualidade de Francisco de Assis e Dalai Lama, deixando-se perpassar pela psicologia junguiana. Demarcar essa questão contribui para se perceber o quanto em Boff há uma abertura para a compreensão da espiritualidade desde um horizonte que extrapola os limites muito circunscritos do cristianismo católico. Há uma abertura ao diálogo inter-religioso e uma disposição ao diálogo interdisciplinar, aproximando-se da psicologia e, posteriormente, da ecologia.

Boff, por sua formação religiosa franciscana, sempre manifestou apreço aos indicativos teológicos propostos pela vida de Francisco de Assis (1181/1182-1226). O impacto de Francisco de Assis para a renovação da Igreja Católica foi sentido imediatamente na Europa, dela se expandiu e ainda continua a reverberar na atualidade:

Francisco está na origem de uma nova orientação espiritual, fundada num ideal vigoroso e radical de ruptura com a forma habitual de se viver cristãmente no mundo e há de ter um papel decisivo numa nova definição da relação da Igreja com o mundo, que prevalece até os nossos dias (Francisco CATÃO, 2009, p. 74).

Francisco de Assis rompe com ideais burgueses de vida religiosa e a partir do frescor das páginas evangélicas se dispõe a criar um itinerário de identificação com o Cristo. Esta identificação de Francisco com Cristo, é que estabelece sua comunhão com o mundo dos pobres, colocando-se a serviço deles:

Francisco estava tão repleto desse espírito de amável compaixão, nascido da fonte da misericórdia, que parecia ter carinho de Mãe diante dos sofrimentos dos que se encontravam na miséria. Era brando por natureza e o amor de Cristo apenas intensificava essa disposição natural. Toda sua alma se desfazia de tanta piedade à vista dos pobres e doentes. Quando não podia socorrê-los materialmente, procurava ao menos testemunhar-lhes seu amor. Para tanto descarregava com toda afeição em Cristo os fardos de miséria e sofrimento que encontrava nos corações. E como em todos os pobres ele via a semelhança com Cristo, não só dava generosamente ao primeiro que aparecia todas as esmolas recebidas, com o risco de passar necessidade, mas a isso chamava restituir, como se os pobres fossem os proprietários de tais esmolas. Nada retinha para si do que recebia: mantos, túnicas, livros, as toalhas do altar, enquanto houvesse quem lhe pedisse esmola; e para chegar à perfeita realização de seu amor, ele mesmo, além disso, se doava e se distribuía aos outros (CELANO, 1997, p.182).

Francisco inicia um movimento espiritual em que, no desejo de assemelhar-se a Cristo, ele propõe uma forma original de vivência do evangelho. Por excelência, os pobres terão prioridade por

serem neles, naqueles que exigem cuidados e atenção, que Francisco e seus seguidores podem imediatamente encontrar a pessoa de Jesus e servi-lo. Nota-se então que, coerente com a narrativa bíblica, Francisco não cria uma nova ordenança, mas sugere buscar a presença de Deus na presença do pobre. A radicalidade de Francisco se configurará posteriormente como identificação com o próprio pobre. De acordo com Boff:

A missão de Francisco não se esgotou na reconstrução de igrejas nem na fundação da Ordem Franciscana com todos os seus ramos. Seu espírito evangélico tem a missão de perenemente recriar a Igreja a partir daquela única fonte que legitimamente permite refazer sempre de novo a Igreja: Jesus pobre e seu evangelho cujos primeiros destinatários são os pobres (BOFF, 1985, p. 35-36)

Percebe-se, pois que, a espiritualidade inspirada em Francisco de Assis está vinculada a uma ação concreta que é adesão aos pobres. Francisco de Assis não propõe uma espiritualidade longe da terra, mas mergulhada no humano, particularmente, aquele mais depreciado pela sociedade. A relação fraternal é vivência da espiritualidade. Entretanto, Francisco de Assis não estava voltado apenas para o pobre. Sua espiritualidade enraíza-se numa compreensão de fraternidade com toda a criação. Francisco é o irmão do mundo e compreende todas as criaturas como suas irmãs. Inaugura-se uma mística cósmica muito coerente com a tradição dos textos sagrados judaico-cristãos. A hagiografia de Francisco de Assis nos deixou essa memória:

Seria muito longo e praticamente impossível enumerar e descrever tudo que o glorioso pai São Francisco fez e ensinou durante a sua vida. Como contar o afeto que tinha para com todas as coisas de Deus? Quem seria capaz de mostrar a doçura que sentia quando contemplava nas criaturas a sabedoria, o poder e a bondade do Criador? Ao ver o sol, a lua, as estrelas e o firmamento, enchia-se muitas vezes de alegria admirável e inaudita. Piedade simples, simplicidade piedosa! (CELANO, 1997, p. 138).

Para Boff (1985), Francisco de Assis resgata a dimensão do paraíso que não se perdeu apesar de todas as ações humanas, entrando na dimensão de um inconsciente coletivo que valoriza toda a criação e a sente como parte de si. Thomas de Celano vê a fraternidade de Francisco para com os irmãos como consequência última de sua fraternidade para com a natureza. “A força do amor fizera-o irmão de todas as criaturas. Não é, pois, de surpreender que, mercê da caridade de Cristo, ele tenha sido muito mais irmão daqueles que o Criador fez à sua imagem” (CELANO, 1997, p. 146). Boff capta a fraternidade franciscana desde sua origem histórica à sua atualização ecológica enquanto proposta espiritual.

Outra referência presente na compreensão de espiritualidade de Leonardo Boff é Carl Gustav Jung (1875-1961). Boff faz dele um de seus principais interlocutores justamente por considerar a forma como o psicólogo se dedicou à questão religiosa, e nela, à dimensão espiritual. Para Jung, espiritualidade não é monopólio das religiões e dos caminhos espirituais, para ele espiritualidade é dimensão do humano, do profundo:

O homem não consegue extirpar de todo suas convicções religiosas, porque a atividade religiosa repousa numa tendência instintiva e pertence às funções específicas do homem. É possível retirar-lhe os deuses, mas somente para lhe oferecer outros (JUNG, 2011, p. 544).

Duarte (2017, p. 14) comenta que “Jung via a espiritualidade/religiosidade como uma tendência natural e instintiva do homem, não sendo possível anulá-la [...], por se tratar de uma função psicológica filogeneticamente herdada da humanidade”. Nós temos nossa dimensão de corporalidade na qual estamos presentes uns com os outros e somos partes do universo e sentimo-

nos também vinculados espiritualmente. Boff compreende, na esteira de Jung, que existem “padrões de comportamento que se encontram no inconsciente coletivo desde a mais remota ancestralidade. Figuras e símbolos que representam valores universais, presentes nas várias culturas” (BOFF, 2007, p. 126). Boff parece herdar de Jung essa dimensão coletiva da espiritualidade como algo inegável do humano.

A espiritualidade proposta por Boff, talvez em função de sua natureza intrínseca ao humano, é aberta à dimensão do diálogo inter-religioso. Sua postura dialógica o faz ter Dalai Lama como outro de seus interlocutores. A tradição budista é acolhida por Boff, reconhecendo-a na sua historicidade e capacidade de ressignificar o sentido da vida em comunhão com o mundo. Dalai-Lama considera que a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia- que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros.

Julgo que religião esteja relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma ideia de paraíso ou nirvana. Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações e assim por diante. Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. Ritual e oração, junto com as questões de nirvana e salvação, estão diretamente ligados à fé religiosa, mas essas qualidades interiores não precisam ter a mesma ligação. Não existe, portanto, nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico (DALAI LAMA apud Leonardo BOFF, 2006, p.15).

Após termos visto as bases da compreensão de espiritualidade proposta por Boff, procuramos avançar nas suas incidências para a atualidade.

Uma espiritualidade para tempos pandêmicos?

O termo espiritualidade tem sido usado de forma a torná-lo bastante ambíguo. Tratar-se-ia da condição de algo sobrenatural? Seria uma forma transcendente no imanente? Diria respeito apenas à dimensão religiosa? Existiriam aspectos práticos da espiritualidade? Ou mesmo seria possível pensar numa espiritualidade encarnada? Na visão tradicional a espiritualidade é apresentada de forma dualista, separando o corpóreo do espírito, fragmentando o ser humano desconsiderando-o em sua totalidade, ou seja, deixando de explorar valores intra-humanos que podem afetar no processo de crescimento e aprofundamento espiritual.

Barros (2015), ao analisar a compreensão de Boff acerca da espiritualidade, pondera que o teólogo analisa tanto a concepção convencional dualista quanto a holística, sendo que contempla esta última como a mais correta e considera a outra como reducionista por não contemplar a unidade do humano. Espiritualidade diz, pois, respeito à integralidade do humano, ao encontro do humano consigo mesmo, é o mergulhar dentro de si, na perspectiva de perceber elementos que possibilitam uma existência humanizada consigo mesmo, com o outro e com o meio. Assim, a espiritualidade no pensamento de Leonardo Boff, evidencia que o ser humano é dotado de valores intrínsecos, que o tornam “humano”. Boff distingue religião de espiritualidade. Essa ação nos ajuda a compreender que podemos ter pessoas religiosas sem que necessariamente sejam pessoas

caracterizadas por uma espiritualidade. Essa postura, novamente, nos alerta para os riscos de uma compreensão reducionista de espiritualidade como algo atrelado a religiões. Também elas podem se descuidar da espiritualidade:

Quando a religião se esquece da espiritualidade, ela pode se autonomizar, articulando os poderes religiosos com outros poderes. No Ocidente, tivemos já muita violência religiosa, feita em nome de Deus. Ao se institucionalizar em forma de poder, sejam sagradas, sociais ou culturais, as religiões perdem a fonte que as mantêm vivas – a espiritualidade. No lugar de homens carismáticos e espirituais passam a criar burocratas do sagrado. Ao invés de pastores que estão no meio do povo, criam autoridades acima do povo e de costas para ele. Não querem fiéis criativos, mas obedientes; não propiciam a maturidade na fé, mas o infantilismo da subserviência. As instituições religiosas podem tornar-se, com seus dogmas, ritos e morais, o túmulo do Deus vivo (BOFF, 2001, p. 19).

Considerando que a espiritualidade é uma dimensão intrínseca na constituição da pessoa humana, isso resulta em ações éticas, solidárias, expressando valores como: compaixão, amor, afeto ao seu semelhante, bem como uma convivência harmônica com o meio ambiente, que venham exercer uma consciência humanizada, despertando um desejo de uma sociedade sensível à existência humana. Isso significa, nessa visão, mudar nossa racionalidade.

Tal compreensão compensa o vasto racionalismo da cultura contemporânea, hegemônica pela razão instrumental-analítica. Importa resgatar o coração, sede dos sentimentos profundos e dos valores, e a razão cordial, que o articula com as outras formas de exercício da razão (BOFF, 2012, p. 13).

Percebe-se aqui o vínculo da espiritualidade proposta por Boff e seus referenciais em Francisco, posto que o pobre de Assis optou por uma razão que destoava da religiosidade hegemônica de sua época. É desde este lugar da cordialidade que Boff contempla a possibilidade da espiritualidade como parte integrante do humano e elemento que permite sua integração consigo, com os outros e com a natureza. Daí sua aposta numa espiritualidade que se toca na dimensão ecológica, planetária, que abraça a fé numa compreensão ampla do humano:

A espiritualidade é aquela atitude pela qual o ser humano se sente ligado ao todo, percebe o fio condutor que liga e re-liga todas as coisas para formarem um cosmos. Essa experiência permite ao ser humano dar um nome a esse fio condutor, dialogar e entrar em comunhão com ele, pois o detecta em cada detalhe do real. Chama-o de mil nomes: Fonte Originária de todas as coisas, Mistério do Mundo ou simplesmente Deus (BOFF, 2003, p. 52).

Nesse pensamento, a Terra como casa comum de todos precisa ser cuidada e respeitada pelo homem com responsabilidade ao usufruir dos recursos naturais, formando uma consciência ecológica, resultado da espiritualidade, levando a novas práticas a desenvolver uma cidadania planetária. Desta forma, Boff afirma, “cuidar da Terra e, finalmente, cuidar do Sagrado que arde em nós e que nos convence de que é melhor abraçar o outro do que rejeitá-lo, e que a vida vale mais do que todas as riquezas deste mundo. Então ela será de fato a Casa Comum do Ser” (BOFF, 2017a, p. 145).

Embora vivamos numa sociedade extremamente capitalista e consumista, uma nova forma de se relacionar com o meio e com o outro emerge exigindo ações reflexivas do homem concernente ao cuidado consigo mesmo, com seu semelhante e com sua casa mãe Terra. Logo, esse relacionamento harmonioso entre o homem e a natureza possibilitará que as futuras gerações conheçam e desfrutem de uma vida prazerosa ecologicamente. Neste sentido, a espiritualidade

conduz a prática de valores do coração. Em relação à compreensão tradicionalista de espiritualidade, Boff aponta para uma abertura do humano ao encontro de si mesmo como ação prévia ao encontro do Sagrado, e uma abertura ao respeito para com a natureza como condição necessária para se viver a espiritualidade. Rompe, pois, com o dualismo corpo-alma e sugere a potência da vida para além dos limites de uma racionalidade positivista e descortina a retomada de uma centralidade no “cordis” do humano.

O surgimento da pandemia Covid-19 trouxe para a humanidade irreparavelmente prejuízos emocionais e psicológicos, dando lugar para os medos, as angústias. A aparente segurança e confiança apregoadas pela tecnologia, ciência e economia consumista do mundo neoliberal. Fazendo-nos estremecer reaparece com toda a força a nossa condição perecedoura, mortal, frágil, limitada. Condição tão caduca a ponto de ser eliminada por um vírus que sequer pode ser denominado como ser vivo. O crescente número de vidas ceifadas pela pandemia colocou-nos diante de uma situação inusitada em que a própria experiência da morte passou por modificações.

Se, em função das possíveis seguranças, havíamos nas últimas décadas desterrado a experiência da morte para dentro da assepsia hospitalar, para os cemitérios jardins, com a pandemia experimentamos sua crueza. Devido ao elevado número de mortos, ações tidas como desnecessárias passaram a ser sentidas como vitais: estar com o outro que faleceu, velar seu corpo, sepultar o corpo, acolher as manifestações de afeto pela perda de um ente querido, sentir-se amparado para a continuidade da vida. Mas não é somente a morte dos outros que nos desestabiliza, é também o risco de nossa própria morte, o saber-se vulnerável e a qualquer momento também submetido a um vírus que sistemicamente pode nos destruir. É notório, que até o presente momento o coronavírus não pôde ser exterminado, apenas sendo impedido em sua propagação, trazendo instabilidade para a sociedade, no campo da economia, na política, na saúde e na forma de viver. Boff, ainda no início da pandemia no Brasil, nos direciona para a percepção do vínculo entre pandemia e cuidado com a Terra:

De repente, acordamos assustados e perplexos: esta porção da Terra que somos nós pode desaparecer. Em outras palavras, a própria Terra se defende contra a parte rebelada e doentia dela mesma. Pode sentir-se obrigada a fazer uma ablação, como fazemos de uma perna necrosada. Só que desta vez, é toda esta porção tida por inteligente e amante, que a Terra não quer mais que lhe pertença e acabe eliminando-a. [...] Seremos capazes de captar o sinal que o coronavírus nos está passando ou continuaremos com o mesmo propósito letal, ferindo a Terra e nos autoferindo para acumular irracionalmente bens materiais? (BOFF, 2020, s/p).

A pandemia afetou as pessoas de maneira brusca e significativa no que tange não apenas as relações sociais em relação ao isolamento social como medida de atenuação da pandemia. A suspensão de atividades, o isolamento social, o desemprego, as situações de empobrecimento e a vulnerabilidade social diante da pandemia, as novas práticas do cotidiano, as disputas políticas em meio à pandemia mundial em busca da cura ou de uma vacina, a sobrecarga de informações veiculadas pela imprensa tem afetado a população mundial sob intenso estresse psicológico.

No entanto, percebe-se através de noticiários e da rotina diária vivenciada pela existência de cada um de nós, que enquanto seres no mundo somos frágeis. Fato esse despercebido pela correria do dia a dia e hoje vivenciamos uma existência onde não cabem mais nossas ilusões que somos, assim como heróis, invencíveis. Vivemos em uma sociedade propensa a evitar e ignorar a morte e a pandemia nos revela “uma forma peculiar de negar nossa própria existência” (KLÜBER-ROSS, 2000, p.17), fato esse que nos leva a buscar na espiritualidade um conforto e nessa busca nos

doamos coexistindo lado a lado ao outro como seres disponíveis e assíduos numa busca incessante por algo que nos leve a transcender a nós mesmos, nossa fé.

É inegável que neste momento de instabilidade em todos os âmbitos da vida, a vulnerabilidade toma conta da humanidade, pois a insegurança de contrair doenças e de perdas de familiares, tem contribuído para desestabilização emocional e física, afligindo o bem-estar e levando a mudanças comportamentais de toda a humanidade. O ser humano é de natureza sociável, se relaciona com o outro e com o meio em que vive. É um ser dotado de inteligência em sua constituição corpórea, tornando-o capaz de expressar seus sentimentos e emoções, expressando suas necessidades fisiológicas, bem como as necessidades na dimensão espiritual. Embora, o desenvolvimento tecnológico esteja em ascensão, em benefício do homem, este não o substitui, pois só o ser humano em sua essência pode se ver no outro.

[...] há algo nos seres humanos que não se encontra surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro de cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado (BOFF, 1999, p. 97).

O momento atípico vivido pela humanidade, em tempos de pandemia em decorrência do Covid-19, tem oportunizado reflexões acerca da ação humana no sentido de perceber o outro, bem como suas inter-relações com a natureza, estabelecendo uma relação de alteridade, ética, respeito, cuidado, afeto, cooperação com o seu semelhante e com o ecossistema, resgatando valores intrínsecos na dimensão espiritual.

Esta cooperação de todos com todos funda uma nova ótica que, por sua vez, origina uma nova ética de convivência, cooperação, sinergia, solidariedade, de cuidados de uns para com os outros e de comunhão de todos com todos e com a Terra, com a natureza e com os seus ecossistemas. A partir desta ética nós nos contemos, submetemo-nos a restrições e valorizamos as renúncias em função dos outros e do todo (BOFF, 2002, p. 98).

Nesse contexto, a ética do cuidado espiritual tem emergido como força motriz para a vida em sociedade, de forma equilibrada e solidária, de acordo com Leonardo Boff: “A ética do cuidado tem uma orientação decididamente secular, ao voltar-se à compaixão pelos oprimidos e condenados da Terra, e a solidariedade com aqueles que clamam por liberdade” (BOFF apud. BARBOSA, 2009, p. 129). É perceptível que a humanidade vem sofrendo interferência no seu cotidiano de forma inesperada pela pandemia, em que a fragilidade do ser humano se torna evidente independente de cor, raça, classe social e crença, tendo que se reinventar para esta nova modalidade de vida. Portanto, a singularidade do momento requer que o indivíduo vivente transcenda os seus limites e busque um ponto de equilíbrio. Acreditamos que esse equilíbrio é possível na espiritualidade, assegurando resiliência para os enfrentamentos diários, com vistas a alcançar saúde física, mental e emocional.

Em coerência com a compreensão de Boff, tal espiritualidade exige uma atitude ética e cordial diante do outro. É, portanto, uma espiritualidade que gera atitudes de solidariedade para com o outro. Embora, a espiritualidade inicialmente pelo seu dinamismo, permite em captar todas as influências no meio ambiente onde o ser humano está inserido, ao mesmo tempo, esta mesma espiritualidade pela sua capacidade de transcender, eleva o ser humano a uma condição de superação, na busca de equilíbrio com ele, com o outro e com o meio.

[...] espiritualidade é captar esse movimento do mundo, o seu dinamismo, a presença do Espírito nas coisas todas. E o Espírito, biblicamente, não é a tranquilidade. É o vendaval, o

vento forte, aquilo que cria que desestrutura a ordem estabelecida e inventa o novo (BOFF, 1994, p. 47).

Talvez, numa vivência dessa espiritualidade aberta ao outro e ao mundo, o humano seja chamado a descobrir o que o Espírito que move a face da Terra espera de cada um de nós. Neste aspecto, a espiritualidade tem sido elemento essencial na relação do eu e o outro, de forma ética, solidariedade, cooperação, compaixão, empatia, serenidade e centralidade no enfrentamento do inimigo invisível, pois conforme Leonardo Boff, a espiritualidade é algo intrínseco no ser humano, independentemente de suas crenças e experiências religiosas, podendo levar a compreensão do outro no novo momento que se espera, buscando o fortalecimento das inter-relações, visando de forma serena o enfrentamento de novos desafios, com o surgimento “novo normal”. Um “novo normal” que, definitivamente, não deve se assemelhar com o antigo, pois aquele era marcado pela opressão e exploração, pela fragmentação da pessoa, pela destruição de si e da natureza. Faz-se necessário que o “novo normal” seja caracterizado pela força de uma espiritualidade que resintonize o humano consigo que os gestos de abertura para com o outro, de modo particular os mais empobrecidos, vividos durante a pandemia que não extingam com ela. O cuidar de si, do outro e do meio são valores que traduzem um novo sentido a vida, bem como o cuidar da espiritualidade, na procura de resgate dos direitos do coração.

Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além de nossa morte. Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos. Cuidar do espírito demanda alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que nunca se apague. Significa especialmente cuidar da espiritualidade experienciando Deus em tudo e permitindo seu permanente nascer e renascer no coração (BOFF, 2017, s/p).

A partir de uma perspectiva de urgência o cuidado é algo latente na sociedade atual, em uma perspectiva micro e macro, que aparentemente desconhece a dimensão espiritual do ser, desconhece o “humano, pelo espírito de finesse (espírito de gentileza) que cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive” (BOFF, 1999), assim como a vida de crianças usadas como mão de obra; o destino dos pobres; pela sorte dos desempregados, pelo abandono dos sonhos de generosidade diante da hegemonia do liberalismo acarretando o menosprezo a solidariedade; o abandono da sociedade e o descaso pela coisa pública; o descaso no cuidado com o Planeta Terra como casa comum e do cuidado com espécies que nele habitam; com a maneira de organizar as habitações.

A partir de uma visão existencial de homem, o cuidado é um dos modos de ser no mundo na existência de cada um de nós, é o que garante a humanidade ao ser humano. Constituímos seres humanos através e junto ao outro, e nesse processo buscamos qualificar o momento presente numa projeção de nós mesmos e de mundo ancorada em uma percepção aguçada daquilo que na vida nós temos. Sendo assim: “O decisivo não é as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade que une, liga e re-liga e integra. Ela e não a religião a compor as alternativas de um novo paradigma civilizatório” (BOFF, 1999, p. 07).

O momento presente nos revela a fugacidade e vicissitude da vida como algo imanente a todo o ser humano. Esse cuidado, esquecido até então nessa sociedade neoliberal, emerge diante da pandemia, sendo sentida através do mundo a qual pertencemos e somos interdependentes evidenciadas aqui-agora, através da fraternidade e de novas práticas de cuidado, de afetar-se com a dor do outro e colocar-se a disposição para o acolhimento e integração como seres habitantes de um único Planeta.

Posto isto, espera-se que novas aprendizagens poderão contribuir para o surgimento de uma sociedade mais humanizada, com atitudes respeitadas para com o meio ambiente, a mãe Terra, e também o compromisso com o outro e a coletividade, sobrepondo-se ao individualismo e ao consumismo desenfreados, dando lugar para ações conscientes do humano, tornando-o um ser protagonista de um mundo melhor. Se a pandemia nos lança em direção a um apelo espiritual, somente uma espiritualidade que conduza à integração do humano consigo, com os outros e com a natureza poderá contribuir para se reconstruir um mundo que passa pelo adoecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de leituras das produções de Leonardo Boff, que evidenciam a necessidade de instaurar uma nova forma de vivência e convivência entre seres humanos e a natureza, no sentido de compreender, aceitar e cuidar do outro como se fosse a si próprio e da Terra, como se fosse sua respectiva casa, tendo como base a ética do cuidado, um dos valores da espiritualidade. Assim, o momento atípico de pandemia torna indispensável o autoconhecimento e mudanças de práticas cotidianas no cuidado com o outro e com o meio, numa perspectiva de vivência pacífica e humanizadora.

Esse trabalho contribui para uma reflexão da espiritualidade como um dos valores internalizados no ser humano, podendo desenvolver ações humanísticas nas suas inter-relações com o semelhante e a natureza. No sentido de ensino aprendizagem durante a vida, este momento pandêmico gerou nostalgia em toda a humanidade, devido à reclusão social, há de se pensar em novas atitudes emergidas no cotidiano, quais são as transitórias e as permanentes, bem como de que forma serão deixadas para as futuras gerações.

O momento de pandemia proporcionou uma ação de solidariedade de toda a população brasileira, em que imperou a compaixão, cooperação, amor, levando não só o alimento, mas também palavra de ânimo e esperança para continuar a vida em que todos sejam fortalecidos na sua caminhada, evidenciando também que “ninguém se salva sozinho e ninguém vive sozinho”.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vanderlei. **Da Ética da libertação a ética do cuidado**: Uma leitura a partir do pensamento de Leonardo Boff. 187 p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2006.

BARROS, Sandro Reis. **Espiritualidade e comprometimento organizacional** - um novo instrumento de medida de espiritualidade a partir do pensamento de Paul Tillich, Leonardo Boff e Jürgen Moltmann. Dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2015.

BEHRENS, Marilda A.; OLIVARI, Anadir L. T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. In: **Diálogos Educ.**, Curitiba, v. 7. n. 22, set/dez. 2007, p. 53-6.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis: a saudade do paraíso**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

- BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis**: ternura e vigor. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOFF, Leonardo. Em busca de um Ethos Planetário. **Cadernos IHU**. Ano 10, nº 169. Instituto Humanitas, Unisinos, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Ética e Espiritualidade**: Como cuidar da Casa Comum. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CATÃO, Francisco Augusto Carmil. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CELANO, Tomás de. Segunda Vida de São Francisco. In: SILVEIRA, Ildelfonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis**: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DUARTE, Alisson J. O. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Junguiana**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, v. 35, n. 1. 1º sem. 2017, p. 5-19. JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- DOCUMENTA CATHOLICA OMNIA. Fontes Bibliográficas Franciscanas. 2006. Disponível em: <https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine-data, AA VV, Fontes Biograficas Franciscanas, PT.pdf> Acesso em: 17 de Nov. 2020.